

DESDE 1989 A REFERÊNCIA NACIONAL NO MERCADO DE REFORMA DE PNEUS

Pnews[®]

Edição nº 139 - ano 2025

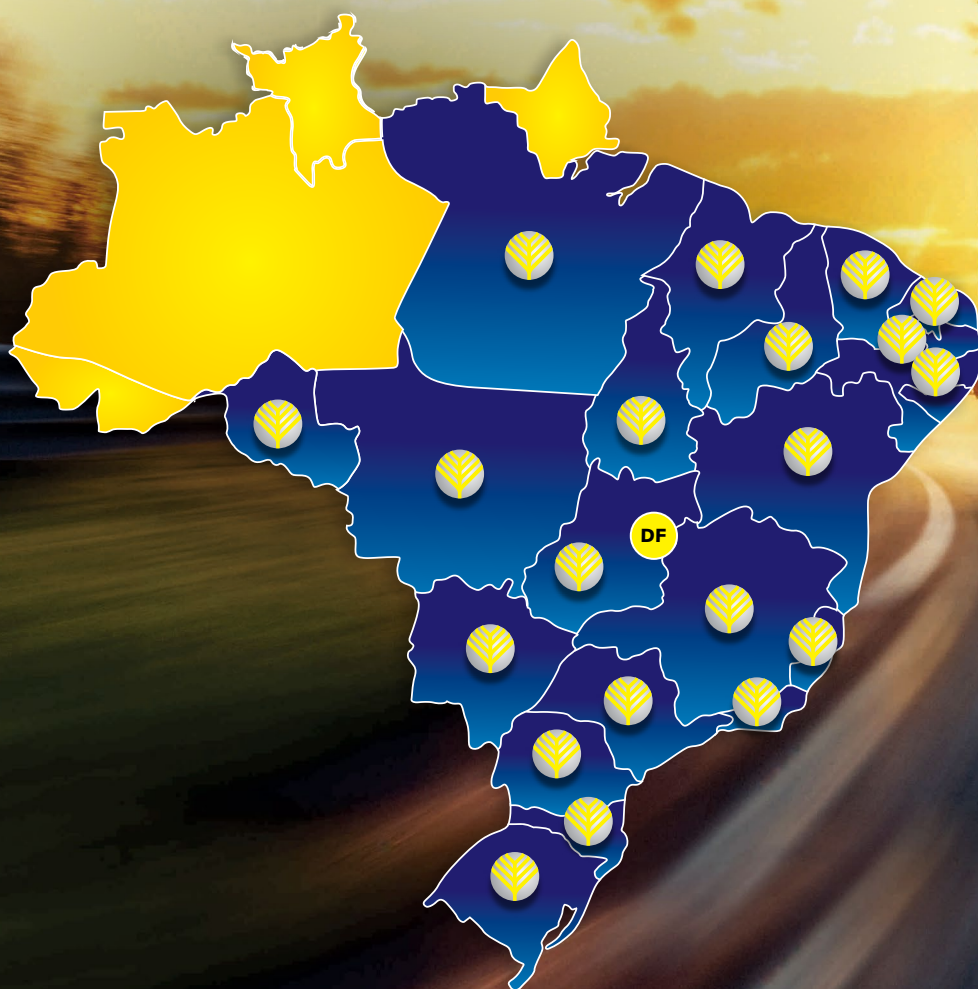


**PLANEJAR É
RESISTIR. COMECE
2026 COM O PÉ
CERTO**

**COMO ANDAM OS PROJETOS DA ABR
NAS ESFERAS GOVERNAMENTAIS**

LEIA MATÉRIA

De **norte a sul do Brasil**
estamos presentes garantindo insumos para
recapagem de alta qualidade, padrão **Drebor!**



Pnews[®]

EDITORIAL

Caros leitores,

Estamos vivendo um momento decisivo para o setor de reforma de pneus.

O ano de 2026 marcará o início de mudanças profundas no sistema tributário brasileiro, em virtude da entrada em vigor das primeiras etapas da Reforma Tributária. E, ao mesmo tempo, o mercado precisa lidar com outro desafio urgente: o crescimento das importações de pneus novos e usados de baixa qualidade, que colocam em risco não só a nossa atividade, mas o meio ambiente e a segurança de todos.

São dois temas diferentes, mas com algo em comum: ambos exigem organização, informação e união do setor. A Reforma Tributária traz oportunidades, e também exige cuidado. Nos próximos meses, entraremos na fase de transição para o novo modelo — e isso vai mudar a forma como as empresas calculam, registram e compensam impostos.

Quem se antecipar e ajustar sua contabilidade, seus sistemas e seus contratos desde já, começará 2026 com vantagem competitiva. Na PNEWS desta edição, publicamos uma matéria completa sobre esse tema, com orientações práticas e um *checklist* de preparação para o novo sistema. É um guia feito para ajudar o reformador a se planejar e evitar surpresas.

Além disso, a ABR seguirá acompanhando a regulamentação da CBS e do IBS e defendendo a inclusão da economia circular — e, portanto, da reforma de pneus — nos benefícios tributários previstos para atividades sustentáveis.

Unidos contra os pneus de baixa qualidade

Outro tema que não pode sair do nosso radar é o avanço das importações de pneus de baixa durabilidade e procedência duvidosa. Esses produtos, muitas vezes vendidos a preços artificialmente baixos, prejudicam a competitividade das reformadoras nacionais e aumentam o passivo ambiental do País.

Cada pneu importado que não pode ser reformado é um resíduo a mais no meio ambiente, um risco nas estradas e um desperdício de recursos. Ao contrário, o pneu reformado é parte da solução ambiental e econômica: gera empregos, economiza energia e reduz emissões.

Consequentemente, precisamos continuar atuando com firmeza junto ao governo e às entidades ambientais para combater práticas desleais e exigir critérios de qualidade e sustentabilidade nas importações.

O setor de reforma de pneus tem uma história de resiliência e inovação. Enfrentamos desafios econômicos, regulatórios e ambientais — e seguimos de pé, cada vez mais fortes. Agora, urge transformar a união em estratégia: preparar as empresas para as novas regras tributárias e proteger o mercado dos impactos negativos de produtos descartáveis.

Contem com a ABR para liderar essas duas frentes com transparência, diálogo e firmeza, pois o futuro da reforma — e do planeta — depende das escolhas que fizermos hoje.



Margareth Buzetti
Presidente da ABR

08

ABR DESTAQUE

A ABR intensifica sua presença em Brasília. Veja próximos passos.



10

SUSTENTABILIDADE

Transporte brasileiro precisa incluir a reforma de pneus nessa agenda



12

ESPECIAL

Como será o próximo ciclo da economia brasileira



16

GESTÃO

Planejar é resistir. Comece 2026 com o pé certo.



24

DE OLHO NA LEI

Prepare-se para a reforma tributária



29

PNEWS TRANSPORTE

Gestão de rotas e tecnologia no transporte



EXPEDIENTE



Produção

VoxCom Comunicação

Jornalista Responsável

Vinícius Carvalho (Mtb 27.757)

Edição

Vinícius Carvalho

Redação

Silvio Monteiro
Vinícius Carvalho

Revisão

Maria Helena Amaral

Criação e Diagramação

Daniela Squarzoni

Imagens

Freepik, Adobe Stock

Comercialização Exclusiva

Ney Euphrausino
Total Live - Comunicação e
Live Marketing

comercial@totallive.com.br
11 4979-4447 / 11 9.8565-5252



DIRETORIA ABR

Presidente:

Margareth Gettert Buzetti

Diretor-Secretário:

Alexandre Pascoli Moreira

Diretor Financeiro:

Régis da Silva dos Santos

Diretor de Comunicação:

Osnei de Moraes Lainez

Diretor Técnico:

Rafael Milton Teixeira Jr.

Diretor de Mercado:

Giulio Cesar Claro

EXECUTIVO ABR

Secretária:

Juliana Schloz

CONSELHO EDITORIAL

Everson Schmidt e Osnei Lainez

Revista Pnews na internet

www.pnewsdigital.com.br

Assinatura:

(11) 5095 3840

abr@abr.org.br

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens da Revista Pnews, solicite por e-mail: abr@abr.org.br

Os artigos assinados e os anúncios não expressam necessariamente a opinião da Revista.

ABR DÁ VOZ AO SETOR

Canal ABR entrevista Geraldo e Manuela Barcelos, da Gebor



A ABR estreou um novo formato de conteúdo em seu canal no YouTube: uma série de entrevistas com empresários, especialistas e profissionais que ajudam a construir o setor de reforma de pneus no Brasil.

O primeiro episódio traz um bate-papo inspirador com Geraldo e Manuela Barcelos, diretores da Gebor, empresa referência no fornecimento de insumos para a indústria de reforma.

Mais do que uma entrevista, o programa é um espaço aberto de diálogo.

A proposta é valorizar as histórias e experiências das empresas que fazem o setor acontecer — dando voz a quem trabalha diariamente para fortalecer a economia circular e a sustentabilidade.

Um setor forte e essencial para o País

Com mais de 40 anos de experiência, Geraldo Barcelos falou com paixão sobre o papel da reforma de pneus na economia e na geração de empregos. Segundo ele, o setor é “pujante, essencial e ainda pouco reconhecido” — e merece mais atenção do poder público. “Oitenta por cento dos pneus de carga que rodam no Brasil são re-



formados”, destacou Geraldo.

“Isso representa uma economia significativa para as empresas e uma contribuição imensa para o meio ambiente. Imagine se esses pneus fossem descartados — o impacto ambiental seria gigantesco.”

Ele lembrou ainda que o segmento emprega cerca de 250 mil pessoas direta e indiretamente e movimenta uma cadeia produtiva que vai do transporte à sustentabilidade.

“O nosso setor ajuda a reduzir custos, gera tributos e evita a poluição. É economia em todos os sentidos”, afirmou.

Tecnologia e comunicação: o futuro já chegou

Manuela Barcelos, que atua na área de *marketing* da Gebor, trouxe uma visão voltada à inovação.

Ela destacou que o Brasil é hoje um dos países mais receptivos à tecnologia e à inteligência artificial, e que isso precisa ser considerado uma oportunidade, não uma ameaça. “Sessenta e oito por cento dos brasileiros já usam ferramentas de IA. E 70% dos negócios

B2B são influenciados pelo que é visto na internet”, explicou. E as empresas que entenderem o poder da presença digital e da comunicação transparente vão crescer e se fortalecer.”

Manuela defende que o setor precisa mostrar sua autoridade e seu valor ao público.

“É hora de comunicar melhor o que fazemos. Mostrar que a reforma é tecnologia, é ESG, é responsabilidade ambiental — e não apenas custo.”

Desafios e oportunidades: tributação, informalidade e mercado justo

Durante a entrevista, Geraldo também destacou dois grandes desafios do setor: a carga tributária excessiva e a informalidade.

Segundo ele, esses fatores ainda prejudicam a competitividade das empresas que atuam de forma regular e com qualidade certificada.

“A ABR vem batalhando muito para equilibrar o mercado e acabar com a concorrência desleal”, afirmou.

“A reforma tributária deve ajudar a corrigir distorções e tornar o ambiente mais justo e competitivo para todos.”

Sucessão e inovação: tradição que se renova

Um dos momentos mais emocionantes da conversa foi quando pai

e filha falaram sobre a sucessão familiar na Gebor.

Para Geraldo, o segredo está no equilíbrio entre tradição e inovação:

“A sucessão tem de ser planejada, com governança e respeito à história da empresa. É preciso manter os valores dos fundadores e, ao mesmo tempo, abrir espaço para o novo.”

Manuela completou:

“O mais importante é identificar o que deve ser preservado e o que precisa evoluir. Tradição e inovação não se excluem — elas se complementam.”

Feiras e conexões que fortalecem o setor

A Gebor também confirmou presença na Pneushow 2026, evento que reúne os principais nomes do setor.

Para Geraldo, é mais do que uma feira de negócios: “É uma oportunidade de rever clientes, apresentar novidades e fortalecer laços. O contato pessoal é insubstituível.”

Manuela completou com dados: “Segundo pesquisa da Eventbrite, 75% dos profissionais de *marketing* acreditam que os eventos presenciais são o meio mais eficaz para construir relacionamentos duradouros.”

Encerrando o episódio, Geraldo deixou uma mensagem de oti-

mismo: “Sou apaixonado pelo que faço e acredito no futuro da reforma de pneus. Nosso setor já superou inúmeros desafios — e o melhor ainda está por vir.”

Manuela reforçou o espírito de união: “Se trabalharmos juntos, mostrando o que o setor tem de excelência vamos crescer ainda mais. A força da reforma está na colaboração.”

Um canal feito para o reformador

Com essa estreia, a ABR reafirma seu compromisso de dar voz a quem faz o setor acontecer.

O canal está aberto a empresas, profissionais e instituições que queiram compartilhar suas experiências, projetos e inovações.

A iniciativa é mais um feito da Associação para fortalecer o vínculo entre associados, fornecedores e reformadores. 🌐

Participe também!

O Canal ABR está aberto para empresas e profissionais que desejam contar suas histórias e mostrar suas iniciativas.

Entre em contato com a ABR e participe das próximas gravações.

Assista à entrevista completa com Geraldo e Manuela Barcelos no canal da ABR. Acesse: www.youtube.com/@ABRoficial

COMO ANDAM OS PROJETOS DA ABR NAS ESFERAS GOVERNAMENTAIS

Sob a liderança da presidente Margareth Buzetti, a Associação Brasileira do Segmento de Reforma de Pneus intensifica sua presença em Brasília e conquista avanços concretos em defesa do setor.

A atuação institucional da ABR ganhou força e visibilidade nestes últimos anos e meses.

Tendo Margareth Buzetti como presidente à frente, a associação tem ampliado sua articulação com o Congresso Nacional e com o Executivo Federal, assegurando que a reforma de pneus seja reconhecida como atividade estratégica para a economia circular, o meio ambiente e o transporte sustentável.

Mais do que participar de debates, a ABR tem influenciado decisões e mudado o rumo de propostas legislativas que impactariam diretamente o setor. As ações envolvem acompanhamento técnico, diálogo permanente com parlamentares e defesa pública de medidas que garantam competitividade, segurança jurídica e reconhecimento ambiental.

Vitória que consolidou a força do setor

Um dos principais marcos recentes da gestão de Margareth Bu-

zetti à frente da ABR foi a derrubada do projeto de lei que visava extinguir a reforma de pneus no Brasil.

O texto, apresentado em 2024, avançava rapidamente na Câmara dos Deputados e representava grave ameaça à atividade. Graças a um trabalho técnico e articulado da associação, liderado pessoalmente por Margareth, a ABR convenceu o relator da Comissão de Transporte a rejeitar a proposta, apresentando dados sobre o impacto positivo da reforma em geração de empregos, economia de recursos e redução de resíduos.

O resultado foi uma vitória histórica: o projeto foi arquivado em outubro de 2024, encerrando definitivamente sua tramitação no Congresso Nacional.

Isenção de PIS/Cofins: prioridade em pauta

A ABR também avança em uma das pautas mais importantes para a sustentabilidade econômica das reformadoras: o PL 2470/2022, que prevê isenção de

PIS/Cofins para o setor.

O projeto, que vinha com tramitação lenta nas comissões da Câmara, ganhou novo ritmo em setembro de 2025, quando a presidente Margareth Buzetti articulou sua retirada da Comissão de Meio Ambiente (CMADS) e a apresentação de um Requerimento de Urgência (nº 3766/2025).

O objetivo é levar o texto diretamente ao Plenário da Câmara, sem necessidade de novas análises em comissões. Como o projeto já foi aprovado pelo Senado, aceitá-lo em plenário, sem alterações, permitirá seguir diretamente à sanção presidencial, representando uma conquista tributária histórica para o setor.

Próximos passos do PL 2470/2022

- **Votação do requerimento de urgência:** prevista para o final de 2025.
- **Aprovação em Plenário:** levará o texto direto à sanção presidencial.
- **Impacto:** redução de carga tributária e incentivo à formalização do setor.



Reconhecimento ambiental: o avanço do PL 2249/2024

Outro eixo de atuação da ABR é o reconhecimento ambiental da reforma de pneus como atividade de baixo impacto.

O PL 2249/2024, apresentado em junho do ano passado, propõe retirar o setor da lista de atividades potencialmente poluidoras e enquadrá-lo oficialmente como parte da economia circular. Sob articulação da presidente Margareth Buzetti, o projeto ganhou apoio técnico e institucional.

A ABR dialogou com o Ministério do Meio Ambiente, que emitiu uma nota técnica reconhecendo os benefícios ambientais e econômicos do setor, mesmo sem apoiar a exclusão total da lista.

Esse avanço abre caminho para um posicionamento mais favorável em futuras negociações e fortalece a imagem da reforma como atividade essencial à sustentabilidade.

Economia circular na reforma tributária

A pauta da economia circular também entrou no debate da reforma tributária graças à articulação da ABR. Durante a tramitação no Senado, Margareth Buzetti defendeu a inclusão de setores ESG na nova estrutura fiscal.

Embora a emenda tenha sido retirada pela Câmara, a presidente já articula uma nova PEC que restabeleça o tema e crie incentivos tributários para atividades sustentáveis, incluindo a reforma de pneus. Essa é uma agenda de médio prazo, mas estratégica: a ABR quer garantir que o Brasil

reconheça o valor econômico e ambiental da circularidade, premiando quem reduz resíduos e reaproveita recursos.

Sob a liderança de Margareth Buzetti, a ABR construiu um novo patamar de representatividade nacional. O diálogo constante com o Legislativo, o Executivo e os órgãos ambientais tem rendido frutos concretos e fortalecido a imagem do setor.

De derrotar projetos nocivos a acelerar pautas tributárias e ambientais, a associação demonstra que organização e presença política geram resultados reais.

“A ABR faz a diferença porque fala com conhecimento, age com estratégia e representa um setor que trabalha pelo futuro.” 🌱

TRANSIÇÃO ENERGÉTICA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Transporte brasileiro ainda precisa incluir a reforma de pneus nessa agenda

O FIT 2025, realizado em outubro, em Brasília, reuniu representantes de todo o ecossistema do transporte para discutir o futuro do setor sob o tema “Transição energética na era da inteligência artificial”. Organizado pelo Instituto de Transporte e Logística (ITL), em parceria com a CNT e o SEST SENAT, o encontro mostrou que o debate sobre descarbonização e tecnologia avançou — mas também revelou lacunas importantes na agenda da sustentabilidade do transporte brasileiro.

Entre discursos, painéis e estudos apresentados, a sensação predominante é que o país vive um momento de virada simbólica: a transição energética deixou de ser promessa e passou a fazer parte da estratégia das empresas. O uso de biometano, eletrificação, hidrogênio verde e gestão inteligente de energia ocupa cada vez mais espaço nas discussões, apontando para uma nova matriz de mobilidade.

Mas, ao mesmo tempo, o evento reforçou um ponto que o setor de reforma de pneus vem alertando

há anos: a transição energética precisa incluir as soluções que já existem e que entregam resultados imediatos. Entre o futuro promissor e o presente possível

Em sua fala de abertura, o presidente do Sistema Transporte, Vander Costa, afirmou que a transição energética e a inteligência artificial “não são temas do futuro, mas do presente”. É uma constatação relevante — e que também se aplica à reforma de pneus, ainda pouco lembrada nos renomados fóruns de sustentabilidade.

Enquanto o país discute como financiar frotas elétricas, abastecer veículos com biometano ou estruturar redes de recarga, milhões de pneus reformados todos os anos já reduzem o consumo de energia, evitam o uso de petróleo e diminuem a emissão de CO₂. Trata-se de uma solução de economia circular madura, com impacto ambiental comprovado e aplicável a qualquer escala da frota nacional.

De acordo com levantamentos

do setor, cada pneu reformado economiza cerca de 70% de insumos e 80% de energia em comparação à produção de um pneu novo. Além de reduzir custos para transportadoras e frotistas, a prática retarda o descarte de resíduos, um problema que ainda desafia a infraestrutura ambiental de vários estados.

Sustentabilidade que começa pelo que já existe

A transição energética do transporte brasileiro não depende apenas de novas tecnologias, mas de repensar a eficiência do que já está em uso. Nesse sentido, a reforma de pneus representa o elo entre a sustentabilidade aspiracional e a sustentabilidade viável.

A prática alia impacto ambiental positivo, viabilidade econômica e capilaridade nacional — uma combinação rara em políticas de descarbonização. A partir de uma estrutura produtiva consolidada, com certificação técnica (Inmetro e ABNT) e um ecossistema que gera milhares de empregos diretos e indiretos, o setor mostra que é possível avançar no pre-

sente, sem depender de rupturas tecnológicas de longo prazo.

Transição justa e inteligência aplicada

Um dos pontos mais destacados pelos palestrantes do FIT foi a necessidade de uma transição justa,

são e reduzindo desigualdades logísticas.

E, se a inteligência artificial foi apontada no Fórum como um divisor de águas para a gestão do transporte, também há espaço para inovação no segmento de reforma.



que leve em conta os impactos sociais e econômicos da descarbonização. Essa é uma pauta que dialoga diretamente com o universo da reforma.

Enquanto o investimento em novas matrizes energéticas ainda está concentrado em grandes centros, a reforma de pneus mantém viva uma cadeia produtiva espalhada por todas as regiões do país, sustentando empregos qualificados, promovendo inclu-

A integração de IA e análise de dados pode permitir o monitoramento preditivo de desgaste, a otimização dos ciclos de reforma e a gestão digitalizada da performance dos pneus, conectando oficinas e frotas em tempo real.

O que falta para a reforma entrar de vez na pauta da descarbonização

Ao final do FIT 2025, ficou claro que o Brasil possui uma matriz

energética mais limpa do que a média global — mas que ainda carece de uma visão sistêmica sobre a sustentabilidade do transporte.

O foco em soluções disruptivas é legítimo, contudo não pode obscurecer o potencial das medidas que entregam resultado imediato. A reforma de pneus é uma dessas medidas: ela já é uma tecnologia circular consolidada, reconhecida mundialmente como uma das mais eficientes ferramentas de redução de emissões no transporte rodoviário.

Com a COP30 se aproximando, o setor tem a oportunidade de defender um discurso realista e consistente: o de que a transição energética não depende apenas de veículos novos, mas da manutenção inteligente dos que já rodam.

Incluir a reforma de pneus nessa pauta não é apenas reconhecer um setor industrial — é valorizar uma política de sustentabilidade que já funciona, que já gera economia e que já reduz a pegada de carbono brasileira. 🌱

2026 NO RADAR: O QUE OS NÚMEROS DIZEM SOBRE O PRÓXIMO CICLO DA ECONOMIA BRASILEIRA

2026

Entenda como o cenário econômico pode afetar as pequenas e médias empresas — e o que esperar dos setores de transporte e reforma de pneus.

O Brasil se aproxima de 2026 em um momento de aparente estabilidade, mas sob um pano de fundo de incertezas. As previsões indicam uma economia que deve crescer 2,2% no próximo ano, segundo o Banco Mundial — acima das estimativas do FMI (1,9%), do Boletim Focus (1,8%) e da OCDE (1,7%).

A leitura é de otimismo cauteloso: o País mantém o desemprego em torno de 5,6%, o menor patamar da série histórica, e há sinais de retomada no consumo, advinda das mudanças no Imposto de Renda. No entanto, ao mesmo tempo, a combinação de inflação resistente e restrições fiscais limita o ímpeto de expansão.

As reformas estruturais — especialmente a tributária — seguem em andamento, mas os efeitos concretos virão apenas em longo prazo. A transição, que se estenderá até 2033, deve gerar períodos de instabilidade e dúvidas operacionais para empresas de todos os portes.

O retrato que se forma é o de um país que se move, mas com freios de segurança puxados. Cresce devagar, gasta com cuidado e precisa planejar cada passo.

Inflação e juros: a travessia mais longa

A inflação perdeu parte da força, mas ainda está longe de dar tré-gua. Em setembro, o IPCA acu-

mulou alta de 5,17% em 12 meses, permanecendo acima do teto da meta oficial (4,5%). Os grupos de Habitação e Educação lideraram as pressões, com variações de 6,9% e 6,0% no ano.

Para conter o avanço dos preços, o Copom manteve a Selic em 15% ao ano — decisão que reflete o equilíbrio delicado entre o combate à inflação e o risco de travar o crédito produtivo. O relatório Focus, do Banco Central, projeta que essa taxa seguirá nesse patamar até o fim de 2025, com possibilidade de leve redução apenas no segundo trimestre de 2026.

Na prática, isso significa crédito caro e seletivo, especialmente para micro e pequenas empre-

sas. Em um contexto de juros altos, decisões de investimento exigem planejamento minucioso e, muitas vezes, parcerias com cooperativas ou linhas especiais de financiamento.

Crédito caro, estratégia essencial: planeje 2026 com foco em fluxo de caixa e capital de giro sustentável.

Consumo e emprego: sustentação ainda frágil

A taxa de desemprego de 5,8% no segundo trimestre de 2025 representa uma conquista importante, e a renda média real das famílias voltou a crescer. No entanto, o consumo segue dependente de políticas de estímulo e

do crédito pessoal, mais do que de aumento de produtividade.

Enquanto o varejo e os serviços prestados às famílias mostram reação, a indústria ainda enfrenta dificuldades para recuperar seu dinamismo. Segundo o IBGE, o setor perdeu 745 mil postos de trabalho na última década. Ou seja: há mais pessoas empregadas, porém em atividades de menor valor agregado e com margens mais apertadas.

A mudança nas regras do Imposto de Renda deve colocar um pouco mais de dinheiro no bolso do consumidor, o que ajuda o comércio, mas não garante crescimento robusto. O desafio para 2026 será transformar o consumo

pontual em demanda sustentável.

Indústria e serviços: o motor que oscila

Os indicadores industriais permanecem erráticos. A CNI aponta estabilidade da produção e aumento indesejado de estoques, o que revela cautela dos empresários diante de uma demanda doméstica ainda fraca. Já o Índice de Confiança da Indústria (ICEI) segue abaixo de 50 pontos — sinal de pessimismo predominante há dez meses consecutivos.

Em contrapartida, o setor de serviços mantém trajetória positiva. De acordo com o Boletim de Conjuntura Econômica da CNT, o



volume de serviços avançou 0,1% em agosto, com destaque para transporte, que cresceu 0,2% e já está 22,4% acima do nível pré-pandemia.

O transporte de cargas acumula alta de 38,7% sobre fevereiro de 2020, consolidando-se como um dos motores mais consistentes da economia recente.

Câmbio e incerteza global

No mercado internacional, 2025 termina com dólar médio de R\$ 5,37, com picos de R\$ 5,46 após o anúncio de tarifas norte-americanas sobre produtos chineses.

A tensão comercial entre as duas maiores economias do mundo, somada à alta da dívida pública brasileira — que pode chegar a 82,4% do PIB em 2026, segundo o Instituto Fiscal Independente —, eleva a percepção de risco e pressiona o câmbio.

O ambiente global é de volatilidade e menor apetite a risco. Para o empresário brasileiro, isso se traduz em custos de importação mais altos e incerteza sobre preços de insumos, especialmente para setores dependentes de *commodities*, como transporte e reforma de pneus.

Setor automotivo: sinais mistos

O setor automotivo, termômetro da indústria nacional, dá sinais contraditórios. A Anfavea regis-

trou queda de 0,8% na produção do terceiro trimestre, com forte retração nos veículos pesados (-9,4%). Apesar disso, o acumulado do ano ainda mostra alta de 6% em relação a 2024, sustentado pelo bom desempenho das exportações, que cresceram 51,6%.

Os embarques para a Argentina mais que dobraram no período,

compensando perdas em mercados como Colômbia e México. O cenário confirma que o mercado externo vem salvando o setor, mas a demanda interna segue desaquecida.

O frete ainda puxa o motor: transporte de cargas cresce 4,1% em um ano e mantém viva a cadeia automotiva.

2026

O que muda para o setor de reforma em 2026

O desempenho da indústria de transporte e os custos de insumos são decisivos para o setor de reforma de pneus. Segundo a CNT, os preços dos pneus subiram 1,86% até setembro, o óleo lubrificante 1,58% e o diesel 1,57% no acumulado do ano.

São variações moderadas,

mas suficientes para pressionar margens, especialmente em um ambiente de juros altos e crédito restrito.

Com o transporte de cargas em leve alta e o setor de serviços acima do nível pré-pandemia, a demanda por reforma tende a se manter estável, favorecida por em-

presas que priorizam eficiência de custos em vez de renovação de frota.

O desafio será equilibrar preço, qualidade e produtividade em um contexto de custos financeiros elevados.

Realismo e estratégia

A economia brasileira entra em 2026 em marcha controlada. O crescimento projetado é modesto, mas sustentável; o emprego se mantém; e o transporte continua sendo um dos pilares de estabilidade.

Concomitantemente, os juros

altos, o crédito caro e a inflação resistente exigem prudência e visão estratégica.

Para as pequenas e médias empresas — e para o setor de reforma —, o segredo está em planejar com base em dados e agir com flexibilidade.

A incerteza não deve ser um freio,

mas um convite à gestão inteligente. Porque, em 2026, planejar será mais importante do que prever. 🌐

PLANEJAR É RESISTIR: COMO ORGANIZAR O ORÇAMENTO E COMEÇAR 2026 COM O PÉ CERTO

Planejar o caixa, rever contratos e prever margens de investimento e inovação podem fazer a diferença entre crescer e apenas sobreviver.



O fim do ano é sempre um convite à reflexão. Mas, para quem empreende, dezembro é mais do que balanço: é ponto de partida para o próximo ciclo.

Com a economia brasileira projetando crescimento de 2,2% em 2026, inflação na casa dos 5% e crédito ainda caro, planejar não é um luxo. É sobrevivência.

Nas pequenas e médias empresas, especialmente no setor de reforma de pneus e transporte, o desafio é equilibrar custos crescentes com margens cada vez mais estreitas. Diesel, energia e insumos continuam variando acima da média, enquanto o crédito produtivo segue com juros altos.

“Planejar financeiramente é como revisar o caminhão antes da viagem: não dá para sair sem saber o que vai enfrentar na estrada”, resume um associado da ABR ouvido pela PNEWS.

Para começar 2026 com solidez, o segredo é estruturar um orçamento vivo, que olhe para o passado, projete o futuro e permita ajustes durante o caminho. A seguir, os cinco pilares de um planejamento financeiro eficiente — com passos práticos e exemplos aplicáveis.



Revisar contratos e fornecedores: onde começa o lucro

A primeira etapa do planejamento é revisar os compromissos existentes. Com a inflação projetada entre 4,5% e 5% e o IGP-M acumulando cerca de 2,8%, os reajustes contratuais devem seguir esse intervalo. Mas o dado mais importante é o contexto: custos administrativos e logísticos cresceram acima disso em 2025, pressionando margens.

Empresas que renegociam contratos com base em previsões realistas — e não apenas em índices genéricos — tendem a preservar caixa e previsibilidade. Vale também mapear fornecedores alternativos, principalmente em combustíveis, insumos e manutenção. A diversificação é uma forma de proteção.

Dica prática

- Renegocie contratos anuais antes de janeiro, prevendo gatilhos de reajuste semestral.
- Compare pelo menos três orçamentos estratégicos de fornecedores-chave.
- Avalie contratos de energia e transporte com base em consumo real, não estimado.

Ajustar a precificação: preço certo, lucro sustentável

A segunda etapa é olhar para dentro. Muitos empreendedores ainda precificam com base em intuição, e não em estrutura de custos. Para 2026, é fundamental incluir na composição de preços todos os encargos diretos e indiretos, inclusive reajustes trabalhistas, de energia e de tributos.

O aumento do salário mínimo e os novos patamares de encargos podem elevar a folha em até 7%, segundo estimativas de consultorias financeiras. Já o custo de insumos ligados ao transporte — como pneus e lubrificantes — subiu entre 1,5% e 2% até setembro de 2025, de acordo com a CNT.

Empresas que ajustam preços apenas após sentir o impacto costumam perder rentabilidade. O ideal é atualizar a precificação já em dezembro, com base nas projeções de custos do primeiro trimestre.

“O preço justo não é o mais baixo, é o que mantém o negócio saudável.”





3

Planejar o fluxo de caixa: o coração do negócio

Se o lucro é o combustível, o fluxo de caixa é o velocímetro. Um planejamento sólido considera não apenas o que entra e sai, mas quando entra e quando sai.

Empresas com maior maturidade financeira projetam o fluxo de caixa com pelo menos 90 dias de antecedência, incluindo sazonalidades, férias e tributos.

Em setores como transporte e reforma, o início do ano costuma ter menor demanda e alto volume de obrigações (IPVA, licenças, impostos, férias coletivas).

Criar uma reserva de liquidez no fim de 2025 — mesmo pequena — pode ser decisivo para atravessar o trimestre sem sustos.

3 alertas para o caixa de 2026

- Janeiro e fevereiro concentram até 30% das despesas anuais fixas.
- Planeje entradas de recebíveis com 15 dias de folga para imprevistos.
- Evite recorrer ao cheque especial ou capital de giro bancário sem planejamento.

Tributos e folha: o planejamento que evita surpresas

O início da transição da reforma tributária trará dúvidas e ajustes graduais até 2033. Em 2026, mudanças relevantes já começam a ocorrer na forma de repasses e créditos tributários entre estados e municípios.

Empresas do Simples Nacional e do Lucro Presumido devem redobrar atenção à classificação fiscal e manter contato próximo com contadores. Além disso, a folha de pagamento continua sendo um dos maiores custos das PMEs. Antecipar reajustes salariais, benefícios e encargos ajuda a manter previsibilidade.

A boa prática é simular a folha projetada com base nas previsões de reajuste do salário mínimo e nas metas de produtividade da equipe.



4

Checklist tributário 2026

- ✓ Atualizar regime de tributação com contador;
- ✓ Simular impactos da reforma tributária;
- ✓ Revisar retenções e créditos de ICMS e ISS;
- ✓ Planejar férias e 13º até setembro do próximo ano.



5

Margem para imprevistos e inovação: o segredo da resiliência

Planejar é lidar com o incerto.

Empresas que deixam espaço no orçamento para imprevistos — e para oportunidades — são as que mais crescem de forma sustentável.

O ideal é reservar entre 5% e 10% da receita líquida como fundo de contingência, seja para manutenção de máquinas, troca de equipamentos, ou até um investimento inesperado.

A inovação também precisa entrar no radar financeiro. Ferramentas digitais de gestão, automação de processos e sistemas de controle de estoque têm custo inicial, mas geram eficiência e reduzem desperdícios.

Como lembra um consultor ouvido pela PNEWS, “não há planejamento estratégico sem investimento em inteligência”.

“Planejar é resistir, mas também é evoluir.”

Miniguia visual – Checklist do planejamento financeiro 2026

ETAPA	O QUE FAZER	QUANDO FAZER	RESULTADO ESPERADO
1. CONTRATOS E FORNECEDORES	Reavaliar e renegociar contratos anuais	Dezembro 2025	Custos atualizados e previsíveis
2. PRECIFICAÇÃO	Atualizar tabela de preços conforme custos projetados	Dez-Jan	Margens preservadas
3. FLUXO DE CAIXA	Montar fluxo projetado de 90 dias	Janeiro	Previsibilidade e segurança
4. TRIBUTOS E FOLHA	Revisar regime e simular encargos	Fevereiro	Evitar surpresas fiscais
5. RESERVA E INOVAÇÃO	Criar fundo de contingência e orçamento de tecnologia	Março	Sustentabilidade e eficiência

O futuro começa no orçamento

O Brasil entra em 2026 com um cenário desafiador, mas não hostil. A estabilidade do emprego e o avanço moderado da economia

abrem espaço para crescimento organizado — desde que as empresas transformem o planejamento em cultura.

Planejar financeiramente é mais do que projetar números - é co-

nhecer o próprio negócio, antecipar riscos e ter coragem de inovar.

E, assim como na estrada, quem se prepara melhor, chega mais longe. 🌟



AMS

PANG
INDUSTRIAL

SALVADORI

TRC

COLECTA

ALTA TECNOLOGIA E DESEMPENHO PARA FACILITAR O SEU TRABALHO

Confie nas soluções
completas Tech.
A marca que é
referência em
inovação e
tecnologia.

Acesse o QR CODE



Siga e acompanhe as novidades através das
redes sociais Tech do Brasil



techdobreasil1259

Ligue agora e fale com o nosso consultor técnico,
faça o seu pedido através do telefone: (19) 3800-3930
ou e-mail: vendas@techdobrasil.com

GESTÃO

GENTE QUE FAZ O PLANEJAMENTO ACONTECER

*Empresas fortes não planejam sozinhas — planejam com as
pessoas. Planejar é humano*



Toda meta começa com
uma conversa. Antes de
estar em planilhas, indica-
dores ou dashboards, o plane-
jamento de uma empresa nasce
das pessoas que vivem o negó-
cio no dia a dia.

São elas que sentem os desa-
fios, enxergam oportunidades
e, muitas vezes, trazem as me-
lhores ideias — desde o chão de
fábrica até a sala de reuniões.

Nas pequenas e médias empre-

sas, o envolvimento do time é
ainda mais decisivo. Com equi-
pes enxutas e múltiplas funções,
cada colaborador é parte do
motor que transforma o plano
em resultado. Por isso, planejar
de forma participativa é mais do

que um gesto de gestão moderna: é uma necessidade de sobrevivência.

“Planejamento feito a portas fechadas é apenas teoria. Planejamento compartilhado vira movimento.”

Quando o time participa, o resultado aparece

Empresas que abrem espaço para o diálogo colhem resultados melhores — e mais sustentáveis. Reuniões de metas, encontros trimestrais, fóruns abertos ou até simples rodas de conversa são formas de fazer o time se sentir parte do processo.

Algumas associadas da ABR já aplicam essa cultura. Há reformadoras que reúnem os funcionários a cada trimestre para revisar indicadores e sugerir melhorias. Outras criaram sistemas de reconhecimento interno, premiando boas ideias de redução de custos, melhorias de processo ou satisfação de clientes.

Essas práticas têm algo em comum: transformam o planejamento em um compromisso coletivo, não apenas em uma planilha de metas.

O elo entre propósito e resultado

Planejar junto é também uma forma de fortalecer o propósito. Quando o colaborador entende o porquê por trás das metas, ele deixa de ser executor e passa a ser agente do resultado.

Uma meta de redução de custos, por exemplo, pode ser traduzida internamente como um esforço coletivo para garantir competitividade, segurança e empregos. A linguagem muda — e a motivação cresce.

“Quem entende o propósito trabalha por algo maior que o salário: trabalha pelo resultado coletivo.”

Cultura de envolvimento: o ativo invisível

Empresas com cultura participativa não dependem de um gestor para funcionar — elas aprendem a andar sozinhas.

Este é o maior valor do planejamento feito com pessoas: ele cria autonomia, senso de dono e responsabilidade compartilhada.

Em tempos de incerteza, isso é ouro. Porque mesmo que o cenário mude, o time engajado se reorganiza, propõe soluções e segue adiante.

O verdadeiro plano é feito de gente

Em 2026, o diferencial competitivo das empresas pode não estar apenas na estratégia, mas na forma como ela é construída.

Planejar com as pessoas é transformar o futuro em algo possível — e coletivo.

“Planos são papéis; resultados são pessoas.” 🌐

Ideias simples que engajam

Reuniões abertas: use uma manhã por trimestre para mostrar resultados e ouvir sugestões.

Painel de conquistas: crie um mural interno com as metas alcançadas.

Premiações simbólicas: destaque as melhores ideias do mês com certificados ou pequenos brindes.

Feedback em dupla: cada gestor conversa com um colaborador fora de sua equipe direta — aproxima e amplia a visão da empresa.

LANÇAMENTO

ENVELOPE EXTERNO

RAYTAK

Tecnologia de ponta com precisão de encaixe.

➤ **Envelope
EXTERNO G2
195 / 65/ R15**

RAYTAK
INOVAÇÃO EM RECAPAGEM

🌐 raytak.com.br 📱 @raytakborrachas 📞 (65) 3611-6870

PREPARANDO-SE PARA A REFORMA TRIBUTÁRIA

O que muda em 2026 e como o setor de reforma de pneus pode se antecipar às novas regras fiscais.

Um novo sistema começa a sair do papel. Depois de anos de debates, a Reforma Tributária finalmente entrou em fase de implementação.

O texto aprovado em 2023 e regulamentado em 2025 marca o início da transição para um novo modelo de tributação sobre o consumo, e que começará a ser aplicado já em 2026.

Para o setor de reforma de pneus, que integra a cadeia automotiva e industrial, o momento é de atenção e preparação.

A nova estrutura tributária — que substituirá cinco tributos atuais por dois novos (IBS e CBS) — afetará preços, créditos fiscais, operações interestaduais e obrigações acessórias.

Assim, o planejamento de 2026 precisa considerar mudanças práticas de cálculo, escrituração e gestão financeira.

O que muda na prática

O ponto central da reforma é a criação de dois tributos:

- **IBS (Imposto sobre Bens e Serviços):** substituirá ICMS e ISS, com gestão compartilhada entre estados e municípios.
- **CBS (Contribuição sobre Bens e Serviços):** substituirá PIS e Cofins, de competência federal.

A principal novidade é que ambos terão base ampla e cobrança no destino — ou seja, o imposto será pago no local onde o serviço é consumido, não onde é produzido.

Tal procedimento muda a lógica de apuração e exigirá revisão de contratos e precificação, especialmente para reformadores que atendem frotas em diferentes estados.

Outros pontos que impactam o setor:

- **Crédito amplo:** empresas poderão aproveitar créditos sobre praticamente todos os insumos, o que tende a reduzir a cumulatividade e favorecer negócios formais.
- **Fim da guerra fiscal:** benefícios estaduais de ICMS serão gradualmente substituídos por fundos de compensação, eliminando distorções entre regiões.
- **Transição longa:** o novo sistema será implementado entre 2026 e 2033, com regras de convivência entre o modelo atual e o novo.



O que já muda em 2026

Embora a transição completa leve sete anos, 2026 será o ano da preparação efetiva. Entre as mudanças imediatas estão:



Início da cobrança-teste da CBS: a União começa a aplicar alíquotas simbólicas para calibrar o novo sistema.



Extinção gradual de benefícios fiscais de PIS/Cofins: empresas que aproveitam créditos especiais precisarão rever planilhas e contratos.



Ajustes em sistemas e notas fiscais: a Receita Federal passará a exigir códigos padronizados de classificação, com novas obrigações acessórias digitais.



Adequação contábil e de software: escritórios contábeis e ERPs precisarão adaptar layouts, rotinas e parametrizações para o modelo dual.

Checklist para 2026

- ✓ Consulte seu contador sobre regimes de transição aplicáveis.
- ✓ Atualize o sistema fiscal e ERP até o 2º semestre de 2025.
- ✓ Revise contratos interestaduais e reajustes de preço.
- ✓ Simule o impacto do crédito ampliado sobre insumos.
- ✓ Capacite a equipe administrativa para o novo modelo de apuração.



Papel da ABR na transição

- ✓ Acompanhar a regulamentação da CBS e do IBS.
- ✓ Defender a inclusão do setor da economia circular nas políticas de incentivo.
- ✓ Fornecer suporte técnico e jurídico aos associados durante a adaptação.

O impacto direto para o reformador de pneus

O setor de reforma será particularmente afetado por dois fatores:

1. **a reclassificação de serviços** (reforma, recondicionamento e recapagem passam a integrar o campo de “bens e serviços” com incidência plena), e
2. **a possibilidade de crédito ampliado** sobre energia elétrica, insumos, borracha e bandas de rodagem — itens que antes nem sempre geravam direito a crédito tributário.

Isso significa que, embora o modelo traga complexidade

inicial, também pode reduzir a carga efetiva de impostos para empresas organizadas e com controle contábil preciso.

Quem estiver regular, emitir notas corretas e mantiver rastreabilidade de custos tende a sair ganhando no médio prazo.

Como se antecipar às mudanças

A melhor estratégia é não esperar a obrigatoriedade chegar.

Em 2025, os reformadores devem:

- **Atualizar sistemas e parametrizações fiscais** com o contador;

- **Mapear contratos e operações interestaduais** para identificar riscos e oportunidades;
- **Participar de cursos e consultorias sobre o IBS e a CBS**, já oferecidos por entidades empresariais;
- **Acompanhar a regulamentação setorial**: a ABR seguirá atuando junto ao Congresso e ao Ministério da Fazenda para garantir que o setor tenha tratamento justo no novo modelo.

A reforma tributária representa um marco histórico — e inevitável.

Mas, para o setor de reforma de pneus, pode ser também uma oportunidade de moder-

nização e eficiência fiscal.

Empresas que se anteciparem às mudanças, revisarem processos e investirem em controle e tecnologia estarão prontas

para competir em um sistema mais transparente e previsível.

Em 2026, o desafio é duplo: entender o novo modelo e adaptar-se a ele com estratégia.

A ABR segue atenta — e o setor, preparado para seguir no caminho certo.

“Quem planeja antes, paga menos depois.” 🧠





Pneushow
16ª Feira Internacional da Reforma de Pneus

Palco das
inovações que
movem o mercado.

Evento simultâneo
Expobor
12ª Feira Internacional de Tecnologia, Máquinas, Equipamentos,
Matéria-Prima e Serviços para a Indústria da Borracha

Promovendo conexões estratégicas entre fabricantes,
distribuidores, reformadores e profissionais que movem a
indústria da reforma de pneu no Brasil e na América Latina

23 A 25
JUNHO | **2026**
SÃO PAULO
EXPO CENTER NORTE

Acesse
www.pneushow.com.br
e se inscreva na nossa comunidade

REALIZAÇÃO



DESDE 1989 A REFERÊNCIA NACIONAL NO MERCADO DE REFORMA DE PNEUS
Edição nº 139 - Ano 2025

Pnews[®]

TRANSPORTE



GESTÃO DE ROTAS E TECNOLOGIA NO TRANSPORTE



EFICIÊNCIA QUE MOVE O SETOR:

Gestão de rotas e tecnologia no transporte

A digitalização está transformando a logística brasileira. Da roteirização inteligente à análise de dados em tempo real, tecnologia e gestão caminham juntas para reduzir custos, otimizar tempo e tornar o transporte mais previsível e sustentável.

O transporte brasileiro vive uma revolução silenciosa. Longe de ser apenas uma questão de frota, combustível ou estrada, a eficiência do setor agora depende da inteligência com que cada quilômetro é percorrido.

Nos últimos anos, o avanço das soluções digitais — de sistemas de rastreamento a plataformas de gestão de dados — tem alterado a forma como transportadoras planejam rotas, acompanham veículos e gerenciam recursos.

De acordo com a Confederação Nacional do Transporte (CNT), o volume de serviços do setor cresceu 0,2% em agosto e já está 22,4% acima do nível pré-pandemia. Parte desse desempenho vem justamente da adoção de ferramentas que tor-

nam a operação mais previsível e econômica.

Hoje, tecnologia é sinônimo de eficiência, e eficiência é sinônimo de competitividade.

“Cada dado gerado na estrada é um insumo para decidir melhor — e gastar menos.”

Tecnologia em rota: dados que dirigem decisões

A principal mudança não está nas máquinas, mas nas informações. A digitalização do transporte permite tomar decisões baseadas em dados e não em instinto.

Sistemas de telemetria, roteirizadores inteligentes e softwares de gestão de frota ajudam a identificar gargalos, prever consumo e reduzir o tempo de entrega.

Entre as soluções mais usadas estão:

- Roteirização automática: define a melhor sequência de entregas, reduzindo tempo e quilometragem;
- Telemetria e sensores: moni-

- toram o comportamento do veículo e do motorista, ajustando rotas e consumo;
- Análise de dados e dashboards: cruzam informações de combustível, manutenção e jornada, permitindo comparar desempenho e planejar ações preventivas.

Empresas que aplicam essas ferramentas relatam economia média de 10% a 15% em combustível e até 20% no tempo de entrega, segundo consultorias do setor.

A previsibilidade também cresce: é possível acompanhar frotas em tempo real e reagir a desvios de rota, congestionamentos ou falhas mecânicas.

Gestão eficiente, frota conectada

A digitalização não é exclusividade das renomadas transportadoras.

Pequenas e médias empresas também estão descobrindo que a tecnologia pode caber no celular ou no tablet, sem exigir investimentos altos.



Aplicativos de rastreamento, controle de abastecimento e gestão de pneus já oferecem recursos de monitoramento, alertas de manutenção e relatórios automáticos.

Além de reduzir custos, essas soluções melhoram a segurança

e a comunicação com o cliente. A capacidade de informar com precisão onde está a carga — e quando ela vai chegar — agrega valor e fortalece a relação comercial.

O transporte de cargas, que cresceu 4,1% em relação a 2024,

segundo o Boletim de Conjuntura da CNT, é o segmento mais beneficiado por essa integração tecnológica.

Frotas conectadas e gestão preditiva estão se tornando o novo padrão operacional do setor.

Cinco indicadores que medem a eficiência no transporte

- Consumo médio de combustível por km rodado
- Tempo total de rota e tempo ocioso
- Custos de manutenção por veículo
- Cumprimento de prazos de entrega
- Índice de paradas não programadas

“A eficiência nasce quando a tecnologia sai do escritório e entra na estrada.”

Eficiência e sustentabilidade na mesma rota

A eficiência operacional é, hoje, um dos principais vetores de sustentabilidade no transporte.

Ao reduzir consumo e desperdício, a tecnologia também diminui emissões de CO₂ e prolonga a vida útil dos veículos e componentes, como pneus e motores.

Entre as iniciativas mais comuns de ESG no transporte, destacam-se:

- Manutenção preventiva digitalizada: evita falhas e reduz consumo de peças e combustível.
- Uso de pneus reformados: estende a vida útil do insumo e reduz resíduos, alinhando-se à economia circular.
- Sensores de telemetria ambiental: ajudam a controlar emissões e planejar trajetos mais limpos.
- Treinamento de motoristas: programas de condução econômica podem reduzir em até 12% o consumo de *diesel*.

Essas ações unem resultado econômico e responsabilidade ambiental, mostrando que a sustentabilidade não é custo — é ganho de eficiência.

O futuro é digital e sustentável

O transporte brasileiro está aprendendo que inovação não é um luxo tecnológico, mas uma ferramenta de sobrevivência.

A automação e a análise de dados permitem enxergar o negócio com clareza e transformar a gestão em vantagem competitiva.

Em um mercado de margens apertadas, cada decisão precisa ser baseada em fatos, não em suposições.

O desafio para 2026 será ampliar o acesso à tecnologia entre pequenas e médias transportadoras — democratizando ferramentas, capacitando equipes e consolidando a cultura de dados.

A estrada do futuro é digital, mas continua sendo feita por pessoas: motoristas, gestores, técnicos e empreendedores que acreditam na eficiência como caminho de progresso.

“A tecnologia não substitui o motorista, mas multiplica sua capacidade.”



QUEM FAZ PARTE DA REDE AUTORIZADA VIPAL, TEM TUDO.

A VIPAL OFERECE DIVERSOS BENEFÍCIOS PARA SEUS PARCEIROS DE ESTRADA. SEJA QUAL FOR O DESAFIO DA SUA REFORMADORA DE PNEUS, CONTE CONOSCO PARA SUPERÁ-LO:

Técnico: assistência técnica ágil para seu negócio não parar;

Marketing: conte com a força da marca Vipal para impulsionar a sua;

Comercial: tenha um completo mix de produtos para reforma de pneus que atendem às necessidades de seus clientes;

Financeiro: receba apoio na gestão de custos, garantindo mais eficiência no controle financeiro de sua empresa.



Conheça nosso pacote completo de benefícios acessando o QR Code.



VENDAS DA INDÚSTRIA DE PNEUS RECUARAM 2,7% NOS NOVE PRIMEIROS MESES DO ANO E TIVERAM QUEDA DE 8,2% EM SETEMBRO, APONTA ANIP.

Mercado de reposição é o que mais sofre, com queda de 7% no ano e retração de 12% em setembro.

As vendas totais de pneus fabricados no Brasil apresentaram queda de 2,7% nos nove primeiros meses de 2025 em comparação ao mesmo período do ano anterior. No acumulado de janeiro a setembro, foram comercializadas 29.038.221 unidades contra 29.832.068 verificadas em 2024. Os números são da ANIP Associação Nacional da Indústria de Pneumáticos (ANIP).

“O cenário para a indústria de pneus instalada no Brasil segue preocupante e desafiador. No mercado de reposição enfrentamos, por exemplo, a concorrência desleal de pneus importados que chegam muitas vezes ao País com preços inferiores aos praticados no mercado internacional”, diz Rodrigo Navarro, presidente da ANIP. “Há distorções de preço, falta de conformidade técnica e casos de não cumprimento das obrigações ambientais às quais

a indústria aqui instalada está sujeita”. Para Navarro, “o setor está sofrendo uma degradação que pode levar ao colapso da cadeia de produção que envolve fabricantes de têxteis, químicos, aço e borracha natural e estamos trabalhando junto ao governo brasileiro para que sejam tomadas medidas para criar condições isonômicas para a indústria brasileira”.

Segundo a entidade, as vendas para o mercado de reposição apresentaram retração de 7% até setembro (20.300.394 unidades no ano anterior ante 18.873.573 unidades no acumulado deste ano). O destaque positivo ficou por conta da comercialização de pneus para montadoras, que registrou alta de 6,6% (de 9.531.674 para 10.164.648 unidades) no período.

No segmento de pneus de passeio, as vendas de janeiro a setembro deste ano recuaram 2,1% (de 24.723.562 para 24.193.415 unidades). O desempenho foi pressionado negativamente pelo recuo de 6,9% nas vendas para o mercado de reposição (de 16.591.243 para 15.445.272 unidades), embora as vendas para montadoras tenham avançado 7,6% no período, saltando de 8.132.319 para 8.748.143 unidades.

As vendas de pneus de carga também registraram perdas no ano, com queda de 5,2% nas ven-

das (de 5.108.506 para 4.844.806 unidades), entre janeiro e setembro. Na contramão, as vendas para montadoras cresceram 1,2% (de 1.399.355 para 1.416.505 unidades), enquanto houve um recuo de 7,6% nas vendas para reposição (de 3.709.151 para 3.428.301 unidades). As vendas de pneus de motocicletas para reposição apresentaram queda de 11,5%, saindo de 7.645.293 para 6.766.085 unidades.

Setembro

O desempenho negativo do setor no acumulado do ano também se repetiu nas estatísticas do mês. Setembro isolado registrou vendas totais de 3.213.883 pneus, o que representou um recuo de 8,2% comparado a setembro do ano anterior (3.501.968 unidades), influenciado por uma queda de 12% no segmento de reposição (2.280.377, em 2024, contra 2.006.266 em setembro de 2025) e retração de 1,1% nas vendas para montadoras (de 1.221.591 para 1.207.617).

As vendas de pneus de passeio registraram queda de 7,8% no mês ante o mesmo mês do ano anterior (de 2.912.407 unidades para 2.686.155). Na reposição, o recuo foi de 12,2% (de 1.852.906 unidades para 1.626.018), num cenário em que as vendas para montadoras se mantiveram praticamente estáveis, com flutuação positiva de 0,1% (de 1.059.501 para 1.060.137).

Em carga, a queda foi maior: 10,5%, recuando de 589.561 unidades para 527.728. A retração foi puxada pelo mercado de reposição, que teve queda de 11% (427.471 para 380.248). Nas vendas para montadoras, o recuo foi de 9% (de 162.090 para 147.480). No mercado de motocicletas, as vendas seguiram estáveis com avanço modesto de 0,1% nas vendas para reposição: de 755.573 unidades para 756.200, no período. 🚗



BRIDGESTONE ANUNCIA YASUHIRO MORITA COMO NOVO CEO GLOBAL

A Bridgestone Corporation anunciou que Yasuhiro Morita assumirá o cargo de diretor-presidente e principal executivo global da companhia a partir de 1º de janeiro de 2026.



A Bridgestone Corporation anunciou que Yasuhiro Morita assumirá o cargo de diretor-presidente e principal executivo global da companhia a partir de 1º de janeiro de 2026. Ele substituirá Shuichi Ishibashi, que deixará a posição no fim de dezembro após conduzir a empresa por vários anos.

O comunicado foi aprovado pelo conselho de administração e marca uma nova etapa na gestão da fabricante japonesa, que se

aproxima do seu centenário em 2031.

Trajetória e responsabilidades

Com 52 anos, Morita ingressou na Bridgestone em 1996 e ocupou diferentes funções executivas nas operações da Ásia e da Europa. Atualmente, ele atua como vice-presidente executivo e representante da diretoria, sendo responsável por áreas estratégicas como qualidade, finanças, comunicação corporativa, recur-

sos humanos, sustentabilidade, transformação digital, estratégia de produto, compras, cadeia de suprimentos e esportes a motor. Segundo a empresa, sua ampla experiência internacional e visão de longo prazo o qualificam para liderar a próxima fase de crescimento sustentável e inovação da marca.

Continuidade e visão de futuro

A Bridgestone destacou que sua missão continua sendo “servir à sociedade com qualidade superior”, e que a nova liderança deverá reforçar o compromisso da companhia com valor corporativo e sustentabilidade. A transição ocorre em um momento em que o grupo japonês busca consolidar sua posição global em soluções de mobilidade e ampliar o equilíbrio entre *performance* financeira e responsabilidade ambiental. 🌱

POR QUE FAZER PARTE DA ABR?

Você sabia que, ao se associar à ABR, você fortalece não apenas o seu negócio, mas também todo o setor de reforma de pneus?

Juntos, nossos associados promovem economia sustentável e soluções inovadoras, fazendo a diferença na economia e no meio ambiente.



**JUNTOS,
REFORMAMOS
O FUTURO**

Ser parte da ABR significa:

Conhecimento

Acesso a pesquisas exclusivas para melhorar a sua estratégia empresarial.

Representatividade

Representação ativa nas principais decisões do setor.

Consultoria

Apoio técnico, jurídico e muito mais!

